

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PPG Psicanálise – Clínica e Cultura

LIANA NETTO DOLCI

Investigando a Clínica Psicanalítica nas Psicoses:

Uma abordagem com Relevância Política

Porto Alegre

2023

LIANA NETTO DOLCI

Investigando a Clínica Psicanalítica nas Psicoses: **Uma abordagem com Relevância Política**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler

Porto Alegre

2023

ATA AUTENTICADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura
Psicanálise: Clínica e Cultura - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Liana Netto Dolci, com ingresso em 01/04/2021

Título: Investigações sobre a clínica psicanalítica: uma abordagem também política

Data: 29/05/2023

Horário: 09:00

Local: INSTITUTO DE PSICOLOGIA UFRGS

Banca Examinadora	Avaliação	Origem
Andréa Máris Campos Guerra	Aprovado	Externo
Manoel Luce Madeira	Aprovado	Externo
Sandra Djambolakdjian Torossian	Aprovado	UFRGS

Avaliação Geral da Banca: Aprovado

Data da homologação:

Porto Alegre, 13 de novembro de 2023

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura
Rua Ramiro Barcelos, 2600 Térreo - Bairro Rio Branco - Telefone 33085524
Porto Alegre - RS

Documento gerado sob autenticação nº YIX.130.102.3CF
Pode ser autenticado, na Internet, pela URL <http://www.ufrgs.br/autenticacao>,
tendo validade sem carimbo e assinatura.

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
RESUMO	9
ABSTRACT	10
Conclusão	17
Referências	18

*Uma parte de mim é todo mundo: outra
parte é ninguém: fundo sem fundo. Uma
parte de mim é multidão: outra parte
estranheza e solidão. Uma parte de mim
pesa, pondera: outra parte delira.*

Ferreira Gullar

Agradecimentos

Há não muito, mas também há não tão pouco, tinha em mãos os papéis do trabalho de conclusão do curso da graduação em psicologia. Estávamos em meio a um café barulhento da cidade de Porto Alegre, eu e meu antigo orientador, suas palavras hoje tornam a ecoar nesses novos papéis ainda não impressos. “Primeiro os agradecimentos, a parte mais importante”. Claro, havia uma brincadeira aí. Mas também uma lição. Entendi algo importante naquele dia. O trabalho, que vem depois dos agradecimentos, não estaria ali se não fosse, sem dúvida alguma, a parte que viabiliza o que sucede. Os agradecimentos dizem de *como* foi possível o fazer. Como suportamos a solidão árida da escrita. Como atravessamos o deserto, procurando por palavras, sempre limitadas, às nossas indagações. Onde descansamos, onde buscamos refúgio, onde encontramos amparo. Nunca foram lugares, mas sim, pessoas.

Essa história, todavia, pelo menos a minha, não começa na primeira página. Há os que vieram antes do agora. Vou começar por esses. Agradeço, *in memoriam*, aos meus avós. Minhas quatro saudades. Não lembro de outra vez que os tive tão presentes. Sonhei com eles durante todo esse trajeto. Sempre me trazendo o conforto da memória da infância de acolhimento e compreensão. Agradeço em especial a minha avó materna que me deixa a herança da calma e da paciência, de quem tomo emprestado o apelido. Não posso pedir por traço mais *significativo* que esse, e, que ainda, e talvez não por acaso, nos impulsiona de volta para a escrita. Lia. Sua partida marca o início do caminho desta dissertação. Ainda hei de pesquisar sobre o trabalho do luto e a sua potência de vida.

Agradeço ao meu antigo orientador Amadeu pelas inúmeras histórias compartilhadas que dão um estofô para a psicanalista-pesquisadora que me tornei e um brilho especial quando dos meus vinte anos numa Universidade em cidade estrangeira. Agradeço ao meu antigo grupo de pesquisa, ao qual tenho a sorte de poder continuar os chamando de amigos. Não há nada mais bonito que saber que há gente que torce pelo nosso sucesso. Dentre eles, agradeço especialmente a minha amiga Barbara, que bem faz jus ao significativo histórico do nome, ao me lembrar que as fronteiras são ficções e me empresta força para não desistir do meu espaço.

Ao Vini, que nunca desviou o olhar quando eu precisei. Minhas palavras encontraram um leitor atento às vírgulas, cacofonias, frases confusas. Mas muito mais do que isso, tiveram

o privilégio de encontrar alguém com sede pela magia que elas causam, nada mais freudiano. A minha tia, que deve ter gastado muito dinheiro em velas para que eu pudesse ter inspiração para a escrita. Obrigada pelo carinho distante e constante. Agradeço a minha mãe, que em meio a tantos turbilhões, sempre está disposta a emprestar as suas palavras em momentos de angústia. Ao meu pai que sempre encontra soluções, como bom matemático que é.

Ao meu atual orientador, que tornou possível para mim, nesse momento, o percurso do mestrado. A oferta criou a demanda, e com isso, um desejo pode ser relançado. Redescobri-me trabalhando teoricamente com a escuta e um outro lugar de analista se teceu. Agradeço a proposta e o regar desse plantio que eu espero que nos dê bons frutos. Agradeço ao grupo de pesquisa atual, sempre afiado e disposto a encarar os desafios. Às turmas do meu estágio docência, às quais tive o privilégio de transmitir o desejo pela psicanálise, agradeço pelo que me ensinaram, enquanto estava ali professora, mas também, pela troca de afetos, me engrandeceram como ser humano.

À paciente deste caso, que possibilitou o trabalho que viria e acreditou que naquela sala daquele prédio poderíamos fazer algo diferente com o indizível, a partir de um lugar onde a palavra tinha valor. À todas e todos pacientes que confiam a vida em nossos ouvidos. Aos que insistem, aos que abandonam, aos que nos perguntam e aos que nos testam. Uma das coisas mais bonitas deste trabalho é o desafio que se lança junto com o desejo. É um lugar do infinito. Ser analista, é em última instância, um trabalho de utopias.

Um agradecimento especial à banca, que tomou o tempo e o esforço necessários, gentilmente, com o cuidado a este trabalho.

RESUMO

A psicanálise se reinventa ao passo que avançamos em uma teoria alicerçada na sua prática. Nossas investigações se dão a partir da construção de um caso clínico realizado em uma instituição pública da cidade. O tratamento teve como analista a autora do trabalho e supervisão do orientador. Nesta pesquisa, valemo-nos da Psicanálise como ferramenta teórico-clínica para investigarmos a trama da estabilização na psicose em um tratamento sem medicalização. Partimos do referencial freudo-laciano e demais autores que compartilham deste campo comum. Inicialmente nossa pergunta se deu em torno do diagnóstico diferencial. A partir disso há o desdobramento do estatuto ético-político de um espaço de escuta psicanalítica. Para tanto, percorremos pela relação transferencial, por meio da construção do caso. A partir disso, colhemos como efeito da pesquisa a hipótese diagnóstica de paranoia, no eixo das psicoses, bem como uma articulação com o político. Por fim, como fruto da pesquisa, apontamos para a valorização da solução singular do sujeito, através do seu estilo, sob transferência. Procuramos fundamentar que o trabalho clínico psicanalítico tem o estatuto político de inclusão pela singularidade, firmando uma posição contrária ao discurso capitalista que se alicerça a referenciais outros, teóricos e clínicos.

Palavras-chave: Psicanálise; análise; psicoses; transferência; política.

ABSTRACT

Psychoanalysis reinvents itself as we advance in a theory grounded in its practice. Our investigations are based on the construction of a clinical case carried out in a public institution in the city. The treatment had the author of the work as a therapist and supervision of the advisor. In this research, we use Psychoanalysis as a theoretical-clinical tool to investigate the plot of stabilization in psychosis in a treatment without medicalization. We start from the Freudian-Lacanian reference and other authors who share this common field. Initially, our question was about the differential diagnosis. From this there is the unfolding of the ethical-political status of a psychoanalytical listening space. For that, we go through the transference relationship, to elaborate the construction of the case. From this, we reaped as an effect of the research the diagnostic hypothesis of paranoia, in the psychoses axis, as well as an articulation with the political. Finally, as a result of the research, we point to the appreciation of the subject's singular solution, through his style, under transference. We seek to substantiate that the psychoanalytical clinical work has the political status of inclusion through singularity, establishing a position contrary to the capitalist discourse that is based on other references, theoretical and clinical.

Keywords: Psychoanalysis; analysis; psychoses; transfer; politics.

Introdução

Desde Freud, os casos clínicos são materiais fundamentais para se pensar e avançar no campo psicanalítico. Nesta pesquisa trabalha-se a partir do material clínico de, aproximadamente, três anos de atendimento em uma instituição desta universidade. Insere-se no debate da clínica psicanalítica, desde o diagnóstico em transferência, aos efeitos que uma análise proporciona, quanto a uma diferença na posição do sujeito no mundo. Nesta pesquisa estamos averiguando que existe um “antes e depois” do tratamento. Trabalhamos com a hipótese de que uma escuta advertida pela psicanálise proporcionou este efeito. A partir de algumas primeiras perguntas que fizemos demos início as nossas investigações, as quais era, “por que e de que maneira um espaço de escuta advertida pela psicanálise possibilitou isso?”. Por conseguinte, levar em conta e pensar a transferência é condição fundamental para que o trabalho de uma análise aconteça. Assim, tivemos um ponto de partida, o qual se insere no debate sobre o diagnóstico em transferência, na psicanálise.

Freud (1912/1996) aponta para o perigo de um psicanalista ter a ambição de alcançar mediante o método psicanalítico algo que produza algum efeito convincente, a outras pessoas, sobre seu trabalho clínico. Alega que isto o colocaria em uma posição desfavorável ao trabalho por não estar apto a reconhecer certas resistências do paciente. Junto disso, destacamos que esta pesquisa também pretende interrogar a teoria a partir do material, visto que não nos interessa a demonstração de resultados convincentes.

Freud (1913/1996) salienta sobre a importância de um consistente embasamento diagnóstico, desde as primeiras entrevistas, para a definição da direção de um possível tratamento. Esse trabalho clínico nos colocou questões sobre o manejo da transferência e os efeitos do espaço analítico para esse sujeito. No percurso dos atendimentos, uma das questões que nos detivemos em supervisão foi a dúvida diagnóstica. A partir disso, na pesquisa, temos nos ocupado em pensar nas intervenções e seus efeitos. O que engendra o que entendemos sobre que posição a analista, na transferência, ocupou para o sujeito.

Para pensar a direção do tratamento, então, foi importante uma tomada de decisão, em supervisão, pela hipótese do diagnóstico de paranóia. Entramos em um dos assuntos que estamos investigando, acerca da posição ético-política do diagnóstico em transferência. De acordo com o pensamento freudiano, “não desejo suscitar convicção; desejo estimular o pensamento e derrubar preconceitos.” (Freud, 1916-17/1996, p. 289). Ou seja, nossa pesquisa

busca se ater ao esforço permanente de questionar o que já está dado como absoluto. A importância da pesquisa é poder lançar dúvidas sobre a teoria, abrindo-se ao que não se sabe ainda, visto que a convicção pode ser uma defesa de assegurar o que já está garantido, o que podemos relacionar também com a posição discursiva da/do analista.

Finalmente, um elemento que nos importa destacar é o contexto político, com a crítica, que, aliás, vem desde Freud e se estende a Lacan, da medicalização e da psicologização do sofrimento psíquico. Contrapondo quaisquer reduções ao orgânico, ao organismo, na explicação e tratamento do sofrimento mental, seguimos trabalhando com leituras alicerçadas na filosofia, sociologia, teorias políticas, porque, desde Freud, sabemos que esse trabalho foi realizado nesse sentido.

Freud diz que os poetas e filósofos descobriram o inconsciente bem antes dele¹. Em seu percurso, Freud se refere às artes, algumas vezes tomando o próprio artista, em outras pensando sobre o processo artístico, e também a obra. Em 1907, Freud estuda a *Gradiva*, de Jensen, pretendendo-se a uma interpretação da cultura escolhendo então a literatura. Destaca-se deste texto como Freud elabora sobre o método da construção do delírio, que se extrai da narrativa, em que nada tem a ver com uma incapacidade da faculdade de julgamento. Acontece, diz ele, que existe uma parcela de verdade oculta em todo delírio, “um elemento digno de fé”, que origina a convicção do paciente; esse elemento, segundo ele, foi reprimido, há muito tempo. De forma distorcida chega à consciência, em uma espécie de compensação adquire uma intensa convicção se ligando ao substituto da verdade reprimida. Explica “é como se a convicção se deslocasse da verdade consciente para o erro consciente que está ligado a ela, ali fixando-se justamente em consequência desse deslocamento” (p.45).

A palavra, para a psicanálise, é mais do que uma comunicação ou objeto de estudo, é onde o sujeito se constitui, se desencontra ou se reconhece. O poético da literatura ou do que se narra em análise diz-se sempre em palavras oblíquas. A/o analista buscará o que está ali cifrado, a verdade do inconsciente, que faz sua aparição através de significantes. Freud, neste texto que toma o sonho do personagem como uma realização de desejo, aproveita este momento para retomar a ideia da psicanálise que contraria a ciência biológica, que afirma que sonhos são processos fisiológicos como meras contrações, retirando o caráter expressivo de pensamentos inconscientes. Fazendo um elogio aos poetas, diz que “os escritores criativos são aliados valiosos cujo testemunho deve ser levado em alta conta” (1908[1907]/1996, p.5)

por estarem bem adiante no conhecimento da mente. Assim como Freud, Lacan recolhe e trabalha sobre o significante “arrebato” em torno do qual girou a história de Marguerite Duras, a/o artista, pela sua sensibilidade, antecipa o que a/o cientista se depararia em um só depois; isto é, se a/o psicanalista deve se deixar ensinar e inspirar, ter insights, como nos disse Freud (1907/1996, p.5), podemos traçar o paralelo aqui de que o sujeito da psicose, pela sua sensibilidade, está em sintonia com isso que o artista antevê, denuncia, expõe, e antecipa, ao longo do tratamento, o que poderia parecer muito excêntrico, “fora da normalidade” no tempo em que habita, mas que em outro momento é percebido como algo compreendido e reconhecido.

O objeto deste estudo é o material clínico do tratamento da paciente. A analista em questão é a autora do trabalho, que contou na época com a supervisão do orientador deste. O tratamento se deu em uma Clínica Escola da cidade, que faz o acolhimento de sujeitos em sofrimento psíquico. Retomando, portanto: expomos neste trabalho a discussão diagnóstica, a fim de pensar as intervenções e seus efeitos, bem como a posição que a analista ocupava na transferência. Mais recentemente, como fruto da pesquisa em andamento, estamos ancorados na hipótese diagnóstica de paranoia. Trataremos por fim do que a paranoia coloca de questões à prática psicanalítica, por ser uma clínica de bastante desafio que nos movimenta a pensar o manejo da transferência e os efeitos do espaço analítico para a paciente.

Metodologia

Neste trabalho, se organiza uma reflexão teórica em psicanálise enlaçada com o material clínico. Isso é feito por meio dos registros escritos pela analista sobre as sessões e supervisões. Embora o grupo de pesquisa já tenha trabalhado sobre a questão do método psicanalítico³, aqui estamos debruçados sobre outras questões. Ainda, cabe dizer, que temos como horizonte que a construção do caso é sempre um esforço da memória por meio do testemunho, que incapaz de reproduzir completamente o que foi dito, conta com o ato criativo do analista para ser tecido.

Nosso método contou com apreender os elementos brutos do material clínico e sustentá-los a partir de uma elaboração teórica sólida: este é o desafio que esta pesquisa nos

lançou a partir do momento que decidiu-se trabalhar com a problemática da “clínica”. Há uma transmissão na psicanálise, com Freud, Lacan, Althusser, entre outros, de que a partir da concepção de sujeito que se relaciona com a linguagem, isto é, que é falante, há uma suposição do inconsciente, portanto, passível de uma análise. Lacan (1977, p. 13) nos adverte “a psicose, é diante dela que um analista não deve recuar em caso algum”⁴, sendo de responsabilidade das/dos analistas se ocuparem desta clínica, sabendo que a resposta do social ainda é a medicalização, segregação e banimento desses sujeitos. A primeira premissa é de que a/o analista se orienta pela ética do desejo. Neste trabalho, se organiza uma reflexão teórica em psicanálise enlaçada com o material clínico. Isso é feito por meio dos registros escritos pela analista sobre as sessões e supervisões. Nossa pesquisa, de maneira aqui abrangente, se dá pela investigação psicanalítica. Desde Freud temos uma premissa fundamental que se relaciona a um processo investigativo em transferência. Simanke (1993) elabora uma descrição sobre Lacan ter encontrado no seu trabalho de pesquisa a teoria freudiana devido à natureza particular do que estava pesquisando, ou seja, dos problemas que se confrontara.

Freud fez uso da análise de fenômenos do social para compreender também os processos individuais ao longo de suas obras. Como aponta Rosa (2014), a metodologia de Freud entrelaça o sujeito na sua cultura. Esta articulação demonstra que a trama teórica é intrínseca à clínica psicanalítica e, ainda, que a pertinência dessas análises leva à irredutibilidade epistemológica da psicanálise a outras ciências. Freud pensou o sofrimento individual e também do mal-estar social, cultural e político (Gondar, 2012). Trabalha-se aqui com as ferramentas teórico-conceituais-éticas da teoria da psicanálise. O método é, pois, a pesquisa psicanalítica com foco nos fenômenos da cultura bem como do caso clínico, sob transferência, à luz de textos psicanalíticos. As descobertas da pesquisa em psicanálise na universidade não são transpostas para o discurso da ciência, o que não significa que um rigor acadêmico não seja imprescindível por parte do psicanalista (Macedo; Dockhorn, 2015).

No discurso universitário pensado por Lacan, o saber ocupa o lugar do agente. Este discurso é o laço que alicerça a ciência, ficando escondido aquilo que não tem explicação (representado pelo sujeito barrado). É o discurso que visa a acumulação do saber. A

experiência da psicanálise trabalha com a não totalização do saber; assim a pesquisa se orienta por outro discurso que não o universitário (Bernardes, 2010), visto que segundo Rosa (2004) o discurso da psicanálise aposta nas singularidades.

Lacan, (1974-75) se ocupa com a etimologia do verbo *chercher* (procurar), que tem sua raiz no latim *circare*: circundar, girar em torno de algo, fazer o círculo. Segundo Lacan, uma vez encontrado um furo, um círculo deve ser traçado como um contorno e uma circunscrição desse vazio. Advém disso, a observação do psicanalista: “encontro o suficiente para ter que circular” (Lacan, aula de 13 de maio de 1975). Essa reflexão é importante para pensar a relação entre pesquisa e psicanalista em direção a esse ponto vazado que por ser vazio é causa de desejo. Também é preciso pautar-se nesses pressupostos, na qual a postura do pesquisador frente ao estudo será de abertura para a análise da singularidade discursiva do objeto em questão e de interrogação sobre o que o olha naquilo que vê (Didi-Huberman, 1998).

Freud (1912/1996) aponta que a psicanálise em sua execução abrange a prática clínica do tratam

A metodologia em psicanálise é um tema de muito debate, que instiga os pesquisadores a pensarem algumas questões importantes e atuais. Uma delas é se a psicanálise pode ser classificada como ciência, e ainda, de que ciência estaríamos falando? É preciso atentar para o fato de que a academia é uma instituição, e nela operam forças que estão intimamente relacionadas à política e à cultura do país. Dito isso, a posição assumida neste trabalho é a de tornar a pesquisa em psicanálise uma defesa da própria psicanálise. Para isso, é preciso usar uma metodologia que lhe confira rigor e propriedade, também implica repensarmos nossa filiação, assumirmos certas posições de escrita e apontar para o que acreditamos.

De acordo com o Professor Tomaz Tadeu, o objetivo do texto dissertativo é discutir uma questão importante, polêmica, instigante e a maneira mais objetiva de abordar o problema é fazer uma pergunta. Para o nosso problema de pesquisa, formulou-se a pergunta: que direção em um caso de paranoia é possível e interessante, com base na ética da psicanálise? A ética na pesquisa em psicanálise também é algo que nos interessa,

O método que trabalhamos consiste em olhar para os registros de um caso clínico. Os registros feitos também são escritos das supervisões. Para pensar o caso, entendemos que

alguns conceitos são fundamentais. Como pensar a transferência e como sustentar o diagnóstico em transferência é um dos temas principais da pesquisa. Porque, em supervisão, entendemos que seria um caso de Paranoia, dado a posição que a paciente colocava a analista. Também usamos o traço do caso, que seria uma redução do que foi escutado de mais importante para a pensar a direção do tratamento. Além disso, pensamos o fato clínico como ferramenta metodológica.

Orientados pela importância de uma pergunta, como fora comentado, chegou-se a quatro principais eixos: o do diagnóstico em transferência; os efeitos do tratamento; a teoria do reconhecimento como uma carta fundamental na direção do tratamento e por fim o eixo que envolve uma discussão atual sobre política e psicanálise.

Na construção do caso, pensar a narrativa foi *o como* percebemos esses efeitos. Podemos recolher durante o tratamento a diferença da estética da narrativa da analisante antes e depois de um certo tempo, nas sessões. O espaço de escuta foi essencial para que a paciente pudesse se organizar e se inserir de uma maneira menos interruptiva na linguagem, podendo, ela mesma, pela associação livre, costurar. Acreditamos que isso se deu pela função da formação do delírio em sessão. Na medida em que ela foi narrando seus traumas, pôde ir formando um delírio, saída para angústia, uma forma de *cura*.

O que é um caso clínico? Para nos ajudar com essa questão, nos fundamentamos no fato clínico e na pesquisa sobre a construção do caso. Dunker diz que o caso clínico é a principal peça na argumentação da psicanálise a favor da sua eficácia. É o principal instrumento que explicaria o método e dialogaria com a psicopatologia. Junto disso, nos interessa para podermos nos posicionarmos na discussão científica ou de justificação pública da psicanálise.

Conclusão

Nesse momento de pesquisa e escrita, vemos a potência de revelar o material clínico, recortes do que se passou em transferência, para que isso se torne acessível ao público. Sabendo que sempre é um contorno ao real da clínica, por meio da ficção da escrita como estrutura, podemos operar com hipóteses metapsicológicas e pinçar algo da ordem da verdade

do caso. Dito isso, retomamos a importância do manejo das intervenções. Fez parte do manejo da transferência perceber as mudanças de posição da paciente quando esta voltava a trazer para sessão a metáfora delirante. Foi-se construindo bordas ao que era imperativo de uma pulsão mais disruptiva. Essa tentativa de *ir costurando com a palavra* se dá de uma forma muito diferente (cautelosa seria uma das principais), do que na clínica das neuroses.

Assim como na clínica, sem excluir o campo social, pensamos que o(a) psicanalista-pesquisador(a) deve estar a serviço da questão que se apresenta a ele. Destacamos um momento de uma maior aflição, intensidade e dificuldade que pensamos *a posteriori* determinante no tratamento desta paciente, na medida em que pôde a partir disso ser construída uma metáfora delirante (Lacan, 1957-58/2020a). Desde o início do tratamento tivemos como premissa do espaço a garantia de uma escuta respeitosa que autorizasse a paciente a narrar-se a partir do lugar na linguagem, no que podemos inferir ser da ordem da verdade singular do sujeito. Nosso intuito com este trabalho foi demonstrar a hipótese de que o espaço oferecido, sustentado pela ética da psicanálise, fez uma diferença no sofrimento psíquico dessa paciente. Entendemos que isso se deu por estarmos atentos às particularidades dessa transferência, levando-se em conta que cada transferência é, também, singular.

Na clínica psicanalítica se aposta na capacidade de reinvenção do próprio sujeito diante de seu sofrimento, cada qual com suas potências e limites; cada qual com sua estrutura e momento de vida. Apostou-se junto da paciente que ali se construiria uma saída autoral para lidar com o seu padecimento psíquico, vale dizer, em uma via de liberdade, sem intenações e não ancorado em usos farmacológicos. Sustentamos a hipótese de que, a partir de uma clínica orientada pela escuta da singularidade, não por ideais morais sociais, mas sim pela potência da reescritura, de invenção, de um percurso autoral em relação ao sofrimento do sujeito, pela hipótese do inconsciente, foi possível legitimar o saber-fazer de quem está se havendo com seu lugar no laço com o outro.

Gostaríamos de destacar a importância de publicações sobre materiais clínicos nessa área. Para a manutenção e crescimento da psicanálise também nas universidades, é fundamental compartilhar os desafios e efeitos da prática clínica. Sempre é algo que pede do analista/pesquisador(a) um salto de coragem ao comunicar suas interpretações e intervenções ao outro. Ao expor o desvelamento de uma análise encaramos não só a nossa falta enquanto sujeitos castrados, dos nossos limites e impossibilidades, mas também, ao pinçar certas cenas clínicas e colher seus efeitos, alicerçados na teoria, construindo assim nossos fatos clínicos,

fazemos o registro da legitimidade da psicanálise enquanto uma via para o tratamento de aflições psíquicas.

Destacamos, pelo significativo, o campo político, relacionando-o com a ética da psicanálise, bem como, atravessou nossa escuta do sujeito deste tratamento. O que se escuta em uma análise é o jogo dos significantes, que sai, segundo Lacan, do fundo do sujeito e que podemos chamar de seu desejo; desde o momento em que esse desejo é preso no significativo, é um desejo significado (Lacan, 1955-56/1988b, p. 277). Destacamos, então, que na psicose também trabalhamos com os significantes e significados. Ao relançar temas sobre as estruturas, fundamentados na prática clínica, a psicanálise segue viva, tendo espaço para ser caminho de pesquisa e escuta.

Referências

Benveniste, E. (1980). O aparelho formal da enunciação. In: Problemas de Linguística Geral II. 3 ed. São Paulo: Pontes.

Broide, Emília Estivalet (2018). *Corpos que sofrem. Como lidar com os efeitos psicossociais da violência?* Organização: Maria Luiza Galle Lopedote et al São Paulo: Editora Elefante.

Benjamin, Walter. (2012) *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense.

Calligaris, C. (1989). Introdução a uma clínica diferencial das psicoses. Artes Médicas

Calligaris, C. (1991). Liminar. In L.T. Aragão, C.Calligaris, J. F. Costa, & O. Souza. Clínica do social: ensaios (pp.9-15). Escuta.

Canguilhem, G. (2002). *O normal e o patológico* (5a ed.) (M. T. R. Barrocas & L. C. F. B. Leite, Trans.). Rio de Janeiro: Forense

Caon, J. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2), 145-174.

Costa, A. M. (1998). A Ficção do Si Mesmo. Interpretação e Ato em Psicanálise. Rio de Janeiro: Cia 8 de Freud. Dolci, Liana N. (2019). *O que fazer diante de um encerramento político?* Trabalho de conclusão de curso - UFRGS.

Didi-Huberman, G. (2015). *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto Didi-Huberman, G. (1998). *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34.

Dunker, C. I. L. (2003). Sobre a compreensão psicanalítica da paranóia. *Mental* – 1(1), 23-37.

Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo editorial.

Dunker, C. I. L. (2021). A hipótese depressiva. In *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior, Christian Dunker (orgs). pp. 177-214; (2a. reimp). Autêntica.

Dunker, Christian I.L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.

Dunker, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

Gondar, J. (2012) *Ferenczi como pensador político*. In *Cad. psicanal.*, Vol.34, No.27, pp. 193-210.

Fedida, P. (1992). *Nome, figura e memória - a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Editora Escuta.

Freud, S. (1950[1895]1996). Projeto para uma psicologia científica. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. 335-454). Imago (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

Freud, S. & Breuer, J. (1895/1996b). Estudos sobre a histeria. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 2, pp. 15-297). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (1900/1996). A Interpretação dos Sonhos. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 4). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996d). Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (V. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

Freud, S. (1912/1996). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 1123-136). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1912)

Freud. (1912/1996) Sobre a dinâmica da transferência. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

Freud, S. (1913/1996). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 12, p. 164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1915 [1914]/1996). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)

Freud, S. (1919/1996). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1996) A história do movimento psicanalítico. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 14, pp. 243-263). Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol 15). Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])

Freud, S. (1996). A perda da realidade na neurose e na psicose. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 19, pp. 205-239). Imago,. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Construções em análise. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 23, pp. 275-287). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Gantheret, F. (1971). Remarques sur la place et le statut du corps en psychanalyse. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 3, 135- 146.

Goldenberg, R. *Política e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Guerra, A. M. C.; Costa, M. H. ; Limp, T. Risco e Sinthome: a psicanálise no sistema socioeducativo. Em *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB. Impresso), v. 02, p. 171-177, 2014

Guerra, A. M. C. (2007). *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 270pp.

Guerra, Andrea M.C.. (2010). *A psicose*– Rio de Janeiro: Zahar, 2010

Hermann, Mauricio Castejón. (2004) O real na psicose. *Psicologia USP*, 2004, 15(1/2), 279-293

Huot, Herve (1991) Do sujeito à imagem: uma história do olho em FreudLacan, J. (1953–54/1983). O seminário, livro 1: os escritos técnicos de brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Honneth, A. (2003). Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Ed34.

Kessler, C.H. & Araujo, F. M. R. (2019). A supervisão na clínica-escola como balança para a psicanálise na universidade. Arquivos brasileiros de psicologia. Vol. 71, n. 1 (jan./abr. 2019), p. 128-142. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i1p.128-142>Lacapa, D. (2001). *Writing history, writing trauma*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press.

Kessler, C.H. & Germano, D. G. (2021) Da cristalização à singularidade: a neurose obsessiva no diagnóstico estrutural. in Psic. Rev. São Paulo, volume 30, n. 1, 102-119, 2021

Lacan, J. (1975). O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud. J. Zahar (Trabalho original publicado em 1953-1954)

Lacan, J. (1988). O seminário, livro 3: as psicoses. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-56)

Lacan, J. (1995). O seminário, livro 4: a relação de objeto. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)

Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (Trabalho original publicado em 1957- 58). J. Zahar,

Lacan, J. (1998). *Seminário sobre A carta roubada*. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1945/1998). *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Lacan, J. (1953/1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1960-1961/2010). O seminário, livro 8: a transferência, I Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; 2.ed. -Rio de Janeiro: Zahar..

Lacan J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In Escritos. J. Zahar (Trabalho original publicado em 1957-58)

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)

Lacan, J. (1988). O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. 1959-60)

Lacan, J. (2005) O seminário, livro 10: a angústia. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63)

Lacan, J. (2008). Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, J. (1998) "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", in *Escritos*. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. J. Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22, RSI*. Publicação não comercial.

Le Poulichet, S. (1996). *O tempo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lobianco, Anna Carolina (2003). *Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise*. In *psico-USF*, v. 8. n.2, p. 115-123. Julho/dezembro.

Maleval, J.-C. et al. (2009). Sobre a fantasia no sujeito psicótico: de sua carência e seus substitutos. In V. L. Besset & H. F. Carneiro (Orgs.), *A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Garamond.

Montezuma MAA. (2001). Clínica na saúde mental. In: Quinet A. *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. P 133-141

Pereira, Lucia Serrano. Amor, transferência, desejo. acesso em <https://www.unijui.edu.br/arquivos/clinicapsicologia/informativos/falandonisso17/ensaio.p>

Pereira, N. M. & Kessler, C.H. (2016). Reflexões acerca de um início: psicanálise e clínica na Universidade. *Psicologia em Revista*, 22(2), 469-485. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P469>

Poli, M. C. (2005). *Pesquisa em Psicanálise*. In *Revista da APPOA*, (No.29),pp. 42-47

Quinet, A. (2009a). Esquizofrenia e paranoia. In A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. J. Zahar.

Quinet, A. (2009b). *Teoria e Clínica da Psicose*. Forense Universitária.

Rosa, Miriam Debieux. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. In *Revista mal-estar e subjetividade*, Vol. 4 (No.2), p.329 - 348.

Rosa, M. D. (2016). A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. *Escuta*.

Roudinesco, E., & Plont, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. J. Zahar.

Safatle, V. (2012). Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento. Martins Fontes.

Safatle, Vladimir; Silva Jr., Nelson; Dunker, Christian (2021) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

Saussure, F. (2006) *Curso de Linguística Geral*, 10 ed., São Paulo, Cultrix

Schreber, D. (1995). Memórias de um doente dos nervos (Carone, M. Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Publicação Original 1903)

Sofocles. (1994). A trilogia tebana; Edipo rei, Edipo em Colono, Antígona. J. Zahar.

Soler, C.(1991) Estudios sobre las psicosis. Buenos Aires: Manantial, 1991.

Soler, C. (2007). O inconsciente a céu aberto da psicose. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Sousa, Edson Luís Andre de (2000). *(A vida entre parênteses) - o caso clínico como ficção*.

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. In *Revista mal-estar e subjetividade*, 4 (2), 329 - 348.

Torossian, Sandra (2019). A escuta psicanalítica em contextos de crueldade. Em *Clínica & Cultura* v. 8, n. 2, jul-dez 2019, p. 21 - 33

Uchitel, M. *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Vicentin, M.C.G., Gramkow, G, Rosa, M. D (2010). Patologização do jovem autor de ato infracional e a emergência de "novos" manicômios. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano (Impresso)*, v. 1, p. 1-10,. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v20n1/09.pdf>.

Viganò, Carlo. A construção do caso clínico. *Opção Lacaniana online*, ano 1, nº 1. p. 1-9, 2010.

Wieczorek, R. Kessler, Carlos H. & Dunker, C. I. L. (2020). *O (f)ato clínico como ferramenta metodológica para a pesquisa clínica em psicanálise*. In tempo psicanalítico. Rio de Janeiro. V.52, p. 185-213.

